

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
COORDENADORIA DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

FELIPE MESQUITA DA CRUZ

**ANALISE DO PERFIL EMPREENDEDOR DOS ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA
DE SÃO LUIS COM ACESSO A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.**

São Luís

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
COORDENADORIA DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

FELIPE MESQUITA DA CRUZ

**ANALISE DO PERFIL EMPREENDEDOR DOS ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA
DE SÃO LUIS COM ACESSO A EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA.**

Monografia apresentada ao Curso de Administração da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de bacharel em administração.

Orientador: Prof. Ms. Anderson Lourenço Miranda

São Luís

2013

Cruz, Felipe Mesquita

Análise do perfil empreendedor dos alunos de escola pública de São Luís com acesso a educação empreendedora/ Felipe Mesquita da Cruz.
– 2013.

64 F.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientador (a): Prof^o. Ms. Anderson Lourenço Miranda.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão,
Curso de Administração, 2013.

1. Empreendedorismo – Educação Empreendedora – Escola
Pública

I. Título

CDU 005.342:37 (812.1)

A todas as minhas famílias que sempre estão
junto comigo.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Gardenia Pereira Mesquita, e minha avó Nazi Pereira Mesquita por todo amor, incentivo, educação e formação dada em minha vida.

Ao meu pai Romualdo Cruz e meus irmãos, Lucas Mesquita, e Vitor Mesquita, e aos meus eternos amigos da juventude Elvisley, Eduardos, Marcos, Andrés, Sfenia, Thissiany e família, a todo Juec, e Sfanio também.

A meus companheiros e irmãos de faculdade: José Victor, Felipe Toledo, Nelson de Jesus, Gabriel Gonsiorosky, Isadora Godoy, Carol Wang, Barbára Logrado, Marco Alexandre, minha cunhada Carine e Fernanda Costa, e a todos do curso de administração que acompanharam e seguiram de perto essa jornada, e sem esquecer dos melhores professores que contribuíram para que tudo isso acontecesse.

Um agradecimento todo especial a equipe Oceannus que juntos encontramos nosso Oceano Azul!

"Sábio não é quem enxerga o óbvio,

Sábio é quem faz o óbvio."

-Fábio Marques.

RESUMO

Este trabalho trata do tema do empreendedorismo aplicada à realidade regional de São Luis-MA, estuda o porquê das variações do desenvolvimento de uma região para outra através do empreendedorismo, defendendo que a mola que impulsiona o crescimento de uma região são suas empresas e para que haja empresas é preciso que uma sociedade produza empreendedores.

Trata do empreendedorismo não somente como a criação de empresas, mas como um perfil comportamental definido pela capacidade de materializar ideias e sonhos, pela capacidade de mudar sua realidade para melhor, buscar oportunidades e transformá-las em renda e resultados.

Para que uma sociedade cresça com sustentabilidade esse conhecimento não pode ficar na mão de uma minoria e deve ser propagado para os mais carentes, uma das formas mais eficaz de fazê-lo é através da educação, mas não a educação como é vista hoje, e sim com o uso de metodologias empreendedoras que alcancem desde o aluno, mas também os professores, pais, família, e por fim toda a sociedade.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Educação. Região.

ABSTRACT

This work deals with the theme of Entrepreneurship Applied to the Regional Reality of São Luis-MA, studying the reason of the developmental variations from one region to another through entrepreneurship, arguing that the spring that drives the growth of a region are its business and to have companies a society that produces entrepreneurs is needed.

It's entrepreneurship not only as business creation, but as a behavioral profile defined by the ability to materialize ideas and dreams, the ability to change your reality for the better, seek opportunities and turn them into income and results.

For a society to grow with sustainability, that knowledge can't be in the hands of a minority, it must be propagated to the neediest. One of the most effective ways to do it is through education, but education is seen as today, yes using entrepreneurial methods that reach from the student, but also teachers, parents, students, family, and ultimately the whole society.

Keywords: Entrepreneurship, Education, Region.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual de pais a proprietários de alguma empresa.....	56
Gráfico 2: Percentual de pais de alunos de escola pública com acesso a educação empreendedora proprietários de alguma empresa	56
Gráfico 3: Intenção empreendedora - Alunos de escola pública	57
Gráfico 4: Intenção empreendedora com acesso educação empreendedora ..	57
Gráfico 5: Preferência de carreira profissional – Escola pública	58
Gráfico 6: Preferência de carreira profissional – Alunos com acesso a educação empreendedora	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Expectativa de criação de empregos pelos empreendedores iniciais segundo motivação – Brasil – 2010	28
Quadro 2: Empreendedores iniciais segundo motivação e escolaridade – Brasil – 2010 – Taxas (%)	33
Quadro 3: – Empreendedores iniciais segundo motivação e renda – Brasil – 2010 – Taxas (%)	35
Quadro 4: Intenção empreendedora – Brasil – 2010.....	36
Quadro 5: Fatores limitantes ao empreendedorismo citados pelos especialistas – perguntas abertas	37
Quadro 6: Recomendações mais citadas pelos especialistas – Brasil – 2002 a 2010	Erro! Indicador não definido.
Quadro 7: Formatos de amostragens probabilísticas e não probabilísticas .	Erro! Indicador não definido.
Quadro 8: Média de idade dos grupos pesquisados em anos.....	51
Quadro 9: Divisão dos participantes de acordo com gênero	52
Quadro 10: Escolaridade - Pais de alunos de escola pública São Luis.....	53
Quadro 11: Renda familiar.....	54
Quadro 12: Classes sociais por renda familiar	54
Quadro 13: Pessoas por domicílio	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MEC	Ministério da Educação
MPE	Micro e Pequena Empresa
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
SECOM	Secretaria de Estado de Comunicação Social
SEDINC	Secretaria de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio
TEA	Taxa de Empreendedores Iniciais

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Justificativa	15
1.2	Objetivos.....	Erro! Indicador não definido.
1.2.1	Objetivo Geral.....	Erro! Indicador não definido.
1.2.2	Objetivos Específicos.....	Erro! Indicador não definido.
1.3	Problemática	17
1.4	Estrutura do Trabalho	17
2	ECONOMIA DO CONHECIMENTO E AS DIFERENÇAS REGIONAIS Erro! Indicador não definido.	
2.1	Brasil no contexto mundial.....	Erro! Indicador não definido.
2.2	O Maranhão e seu potencial de desenvolvimento	Erro! Indicador não definido.
3	EMPREENDEDORISMO	Erro! Indicador não definido.
3.1	Empreendedorismo por oportunidade	Erro! Indicador não definido.
3.2	Empreendedorismo por necessidade	Erro! Indicador não definido.
3.3	Relações de empreendedorismo	Erro! Indicador não definido.
3.3.1	Gênero.....	Erro! Indicador não definido.
3.3.2	Idade	Erro! Indicador não definido.
3.3.3	Escolaridade	Erro! Indicador não definido.
3.3.4	Renda familiar.....	Erro! Indicador não definido.
3.4	Intenções empreendedoras	Erro! Indicador não definido.
3.5	Barreiras ao empreendedorismo	Erro! Indicador não definido.
3.5.1.	Políticas governamentais	Erro! Indicador não definido.
3.5.2.	Apoio financeiro	Erro! Indicador não definido.
3.5.3.	Educação e capacitação.....	Erro! Indicador não definido.
4	PEDAGOGIA EMPREENDEDORA	Erro! Indicador não definido.
5	METODOLOGIA	Erro! Indicador não definido.
5.1	Tipo de pesquisa	Erro! Indicador não definido.
5.2	Universo e amostra.....	Erro! Indicador não definido.
5.3	Tratamento de dados.....	Erro! Indicador não definido.
6	RESULTADOS	Erro! Indicador não definido.
6.1	Dados gerais.....	Erro! Indicador não definido.

6.1.1	Idade	Erro! Indicador não definido.
6.1.2	Gênero.....	Erro! Indicador não definido.
6.1.3	Escolaridade dos pais.....	Erro! Indicador não definido.
6.1.4	Renda familiar.....	Erro! Indicador não definido.
6.2	Empreendedorismo	Erro! Indicador não definido.
6.2.1	Pais empreendedores.....	Erro! Indicador não definido.
6.2.2	Intenções empreendedoras	Erro! Indicador não definido.
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
	REFERÊNCIAS.....	Erro! Indicador não definido.

1 INTRODUÇÃO

O Estado do Maranhão com enfoque na sua capital São Luis passa por uma fase de crescimento econômico e promessas de muitos investimentos para a região, e um problema que aparece constantemente nas rodas de discussões sobre o assunto é se a população do Estado está preparada para receber esses investimento e participar ativamente desse processo.

O grande gargalo que vem a tona é a qualificação e preparo do profissional do maranhense, e muitas medidas vêm sendo tomadas por parte do governo e organizações privadas para incentivar essa capacitação, e o foco dessas ações são os jovens que entendemos que serão as pessoas que aproveitarão essas oportunidades.

Mas passamos por outro problema, de acordo com dados do IBGE através da PNAD de 2009 a prevalência de domicílios em situação de segurança alimentar no Maranhão é de apenas 35,4%, ou seja, como pedir a jovens que em sua grande maioria passam por dificuldades financeiras e que não tem a certeza de ter algo para comer no dia seguinte, que estudem e se capacitem para participar ativamente da construção de um Maranhão melhor?

Temos jovens que de baixa renda que frequentam escolas de péssima qualidade, que não tem acesso à leitura, acesso a internet, e precisam sobreviver em condições de pobreza, e o governo em vez de ajuda-los a sair dessas condições, ajuda somente com uma política assistencialista de dá o peixe. O maior problema desses jovens que chegam ao mercado de trabalho não é qualificação, e sim comportamento, postura, e vontade de alcançar algo melhor.

Esse comportamento pode ser mudado através de uma filosofia empreendedora, em que o jovem internalizaria comportamentos que incentivem sua criatividade, que o ajude a ter um pensamento crítico, e mais além que o ajude a sonhar com algo melhor, esse é empreendedorismo. A capacidade de perceber as oportunidades ao seu redor e agir para alcança-as. O presente trabalho defende que só através de uma educação empreendedora desde a base para os mais carentes,

será possível que os maranhenses participem desse processo de desenvolvimento de forma sustentável.

1.1 Justificativa

O trabalho pretende analisar a influência do empreendedorismo na vida desses jovens como fator de mudança e quebra de paradigmas, e como melhorar a motivação e o comportamento desses adolescentes em relação ao mercado de trabalho e sua postura profissional, só assim será possível construirmos um Maranhão rico e desenvolvido e feito por maranhenses.

Será feito um levantamento sobre características de dois universos de amostra, um sobre alunos de escola pública de São Luis que nunca tiveram acesso ao empreendedorismo na escola, e outro com alunos de escola pública que tem acesso a um curso profissionalizante privado que utiliza a metodologia empreendedora para passar os conhecimentos referentes ao mercado de trabalho. Com o cruzamento desses dados será possível observar se o empreendedorismo como complemento da educação básica oferece influências positivas no perfil desses jovens.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a importância do perfil empreendedor e do ensino do empreendedorismo na educação dos jovens de escola pública, e os resultados disso na sua vida como profissional e cidadão agente de mudanças.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Desenvolver através de pesquisa bibliográfica e documental, a fim de constituir uma base teórica relacionada ao empreendedorismo e sua importância na educação e formação dos jovens.

- Inventariar através de dados e informações empíricas, indicadores sobre o perfil dos jovens estudantes de escolas públicas em relação ao empreendedorismo.

- Analisar a importância do ensino do empreendedorismo e o incentivo dessa competência na educação de base dos jovens de menor poder aquisitivo da cidade de São Luis do Maranhão.

1.3 Problemática

Com o aporte de grandes investimentos que estão chegando ao Estado do Maranhão será necessário uma grande quantidade de mão de obra qualificada, tanto para fazer parte dos colaboradores ligados diretamente a esses investimentos, quanto para atuar no novo mercado irá surgir como resultado desses novos postos de trabalho e de geração de riqueza na região. Mas se for analisada a situação atual do Maranhão que possui um número reduzido de indústrias, a mão de obra local já não comporta tantas vagas, sendo necessário as grandes empresas buscarem constantemente profissionais de outros lugares.

Essa situação não é interessante para as empresas e muito menos para os trabalhadores e sociedade maranhense que deixa de adquirir riquezas, e mudar o quadro de pobreza que assola o Maranhão sendo considerado o 2º Estado mais pobre da federação. Mas para que os cidadãos maranhenses entrem nessas empresas é preciso que mais que qualificação técnica, eles também possuem habilidades interpessoais, habilidades relacionadas a comportamento. Como é sabido a empresas valorizam profissionais com características empreendedoras e que se destacam através da liderança, então é preciso que trabalhamos a grande

massa de jovens de baixa renda do Estado e preparemos eles para essa realidade, e a grande pergunta que esse trabalho pretende responder é: **Os estudantes de escola pública possuem características empreendedoras necessárias para participar do processo de desenvolvimento prometido para São Luis nos próximos anos?**

1.4 Estrutura do Trabalho

Este trabalho estrutura-se da seguinte forma: No capítulo 01 é apresentado o trabalho, seus objetivos e justificativas. O capítulo 02 fala sobre a economia do conhecimento e das diferenças regionais que as localidades apresentam em que umas obtêm mais desenvolvimento que as outras, é apresentado um contexto Brasil e Maranhão; no capítulo 03 são abordados conceitos sobre o empreendedorismo e dados referentes o empreendedorismo no Brasil. No Capítulo 04 é tratado a pedagogia empreendedora como solução para o maior problema detectado no capítulo 03 que impede o empreendedorismo no Brasil; no capítulo 05 é dito os detalhes da metodologia utilizada na pesquisa; o capítulo 06 vem apresentando os resultados da pesquisa; e no capítulo 07 finalizamos apresentando as considerações finais sobre o trabalho.

2 ECONOMIA DO CONHECIMENTO E AS DIFERENÇAS TERRITORIAIS

Para iniciar um estudo sobre empreendedorismo é imprescindível contextualiza-lo com seu ambiente socioeconômico e entende-lo, pois nenhum objeto de análise pode ser visto independente dos lugares e da época que o determinam.

É notório que cada região do mundo possui características particulares que caracterizam sua cultura, hábitos de consumo, comportamentos, e naturalmente essas características acabam influenciando na capacidade de desenvolvimento econômico do seu povo, resultando em regiões que conseguem alcançar níveis de desenvolvimentos bem acima da média e mantém um crescimento contínuo, em comparação a outras regiões que apesar de vários esforços permanecem com índices bem abaixo do esperado.

É importante lembrar o que distingue as regiões, entender em que seus caminhos diferem, para ir além das aparências e compreender por que e em que o dinamismo regional e o desenvolvimento econômico variam de um período a outro. (JULIEN, 2010, p. 48)

Para entender melhor esse desequilíbrio é preciso olhar nossa sociedade como um todo, e observar o momento que estamos passando. A globalização é predominante nas nossas relações comerciais, e junto com esse mundo globalizado vem o compartilhamento e acesso as novas tecnologias, e com isso o declínio da velha estrutura baseada literalmente na mão de obra e na exploração do trabalho, para uma estrutura que usa a tecnologia como meio de produção e a ação do homem ficou restrita ao conhecimento da operação dessa tecnologia.

O trabalhador está deixando de ganhar pelo o que ele faz e passando a ganhar pelo o que ele sabe e pelo o que ele cria, pelo o que ele conhece, o empresário não está mais interessado em contratar a mão de alguém, e sim seu talento, sua capacidade de criação, de inovar, e esse novo momento é conhecido como economia do conhecimento.

Segundo Julien (2010, p.49), na Economia do Conhecimento, o capital intelectual ou intangível terá uma contribuição crescente e eventualmente dominante. O novo modelo de produção e distribuição está alicerçado no livre acesso à informação; na educação, criticamente em ciências e engenharias; e na capacidade de criar e inovar coletivamente, em redes unindo universidades, institutos de ciência e tecnologia (C&T), escolas, empresas e indivíduos.

A Economia fundada no saber é aquela cujo desenvolvimento baseia-se essencialmente nas capacidades de criar e utilizar conhecimentos, portanto na transformação da informação em diversos tipos de inovação. (JULIEN, 2010, p. 51)

A economia do conhecimento é o que dá suporte a competitividade das empresas, que em vez de enfrentar concorrentes apenas de sua região, enfrentam uma concorrência mundial, e nada mais justo que utilizar conhecimentos e tecnologias usadas a nível internacional que graças a esse modelo econômico podem ser adquiridos facilmente, e que por vezes são de domínio público, os recursos materiais e tecnológicos perderam muito peso quando falamos de elevar a competitividade.

O que faz diferença nas empresas são as ideias, e claro as ideias vem de pessoas e não de máquinas, e com o nível de conectividade e compartilhamento de conhecimento que temos hoje através da tecnologia, é muito mais fácil ser criativo, a velocidade da mudança está cada vez maior, a popularização do conhecimento através da internet permite que qualquer um no mundo crie conteúdo através de vídeos, blogs, softwares e aplicativos e faça a diferença na vida de milhões de pessoas, e por consequência ganhe muito dinheiro com isso.

Tal economia permite, assim, a entrada em uma economia cada vez mais do imaterial, na qual os investimentos tradicionais, como em recursos naturais, equipamentos e infraestrutura passam para o segundo plano. (JULIEN, 2010, p. 51)

Se for levada em conta a economia do conhecimento pode-se dizer que os territórios mais desenvolvidos são aqueles que assimilam melhor os conceitos dessa

nova forma de viver em sociedade, e baseiam suas interações e comércio no foco em ideias e compartilhamento de conhecimento. Segundo Julien (2010), o que sustenta as mudanças no dinamismo econômico de uma região é a capacidade das empresas e das regiões, podemos dizer assim que o empreendedorismo é um diferencial, pois é a capacidade do individual gerar ideias, ser criativo, inovador, e gerar riqueza e novos negócios a partir de seus sonhos.

O empreendedorismo é basilar para o desenvolvimento socioeconômico de um país, dado que é fundamental para a concepção de oportunidades de trabalho e é considerado um catalisador e um incubador do progresso tecnológico e de inovações de produto, serviços e de mercado. (MUELLER & THOMAS, 2000, apud GRECO et al., 2010, p.27).

Então considerando que empreendedorismo é um comportamento que induz a um processo de criação, em que o indivíduo identifica oportunidades para transforma-las em negócios, inovações, e com isso gerar riqueza na sua região, podemos afirmar que quanto mais empreendedores uma sociedade tenha mais ela suscetível a um crescimento rápido e sustentável. A partir dessa informação é necessário entender como está o nível de empreendedorismo do Brasil, Maranhão, até chegar na cidade de São Luis da qual é foco do trabalho e analisar como estamos preparando nossos jovens em relação ao empreendedorismo.

2.1 Brasil no contexto mundial

O presente trabalho tem como o objetivo analisar o perfil empreendedor dos estudantes do município de São Luis com acesso a educação empreendedora, mas para isso é necessário contextualizar com os territórios que a capital está incluída, além do Estado Maranhão é importante resaltar o momento singular que o Brasil passa, conhecido no passado como o país do futuro o Brasil está em uma fase de transição que promete cumprir a famosa profecia.

Como explana Dowbor (2011), após enfrentar uma crise mundial e se sobressair em cima de muitos países desenvolvidos o Brasil tem sua representatividade econômica fortalecida e começa a aumentar sua

representatividade em blocos econômicos como o G-20, MERCOSUL, e fazer parte do BRICS, uma associação de comércio dos cinco maiores países emergentes do mundo. Somando as conquistas que esse respeito trouxe ao Brasil fomos escolhidos como país sede da copa do mundo de futebol e das olimpíadas os dois maiores eventos esportivos do mundo.

Encerra-se, de certa maneira, a fase de monopólio de poder pelos Estados Unidos e de forma geral dos países desenvolvidos. Os BRICs começaram a ocupar o espaço político internacional, o G-20 começa a abrir um espaço regular de negociação, e o Brasil em particular assume uma forte presença internacional devida em grande parte ao modelo econômico, social e ambiental inovador e equilibrado que desenvolve, e que está simplesmente dando certo. O aprofundamento destas políticas, cuja tecnologia organizacional deu aqui grandes passos, deve marcar os próximos anos, e reforça o papel internacional do país. (DOWBOR, 2011, “Carta Maior”, Em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17500>).

O Brasil passa por uma excelente fase que tem ser usado por nós brasileiros para garantirmos o respeito dos outros países como uma nação séria e com grande potencial, segundo Dowbor (2011), Não há dúvida que estão soprando bons ventos. Há um clima de confiança que está se generalizando. Aqui não há vencedores nem vencidos. A melhor imagem é a de uma boa maré, que levanta todos os barcos. Para além do detalhe das propostas para o país nos diversos setores, esta é a visão: um Brasil que se desenvolve, com a participação de todos, de maneira sustentável, e por meio de decisões democraticamente negociadas.

Se for levado em conta o maior fator de geração de riqueza de uma nação é sua economia, e que queremos trabalhar cada vez mais para conseguir um Brasil rico e que possa proporcionar qualidade de vida para o seu povo, temos que estudar meio de aproveitar essa fase que o país passa e alavancar nosso comércio, nossa indústria, e esse caminho nos remete mais uma vez ao empreendedorismo. Para Greco et al. (2010, p.37) “Nos países do BRICS, o Brasil tem a população mais empreendedora, com 17,5% de empreendedores em estágio inicial”, ou seja, estamos no caminho certo, mas temos que observar quais as condições que esses empreendedores vivenciam no nosso país e como está a formação de novos empreendedores para manter esse ciclo de crescimento.

É salutar que o povo tem uma alta capacidade empreendedora e é conhecido em todo o mundo por sua capacidade inventiva e pela sua criatividade, mas nem sempre essas características se refletem em nosso comércio, pois apesar da boa vontade o brasileiro encontra uma série de empecilhos característicos da nossa nação que acabam diminuindo a chama empreendedora e a criação de novos negócios. “Percebe-se que o Brasil é um País que oferece oportunidades para o empreendimento, mas que não consegue dar condições para tanto.” (GRECO et al., 2010. p.28).

Na visão dos especialistas entrevistados, o Brasil, de uma forma geral, não apresenta condições que favorecem a criação de novos negócios. Mesmo assim, tem se mantido todos os anos entre os 13 (treze) países com a taxa mais alta de novos empreendedores como afirma Andreassi (2011). Mas essa alta taxa tem uma consequência, um grande número de empreendedores não significa um grande número de empreendimentos rentáveis e que agreguem valor a economia.

No Brasil, o foco dos negócios criados está no atendimento ao consumidor final em empreendimentos orientados nessa direção. É um perfil de negócio com propensão à informalidade, pela baixa necessidade de recursos financeiros para a sua abertura e pela simplificação da complexidade organizacional. (GRECO, 2010, p. 66)

O brasileiro na ânsia de mudar de vida e aumentar de renda, ele vê no empreendedorismo essa oportunidade, só que geralmente seu ambiente não favorece a criação de um negócio saudável, e esse cidadão acaba optando por negócios de baixa complexidade, que necessitam de pouco capital, e que também proporcionam baixo retorno, sendo inviável a legalização por questões financeiras e burocráticas esses indivíduos optam pela informalidade, deixando de contribuir devidamente com a economia.

2.2 O Maranhão e seu potencial de desenvolvimento

O Estado do Maranhão está situado na extremidade ocidental da Região Nordeste do Brasil e possui 217 municípios. O clima varia entre o nordestino e o da

região amazônica, além de uma área vegetal recoberta por florestas tropicais, caatinga e cerrados. Com uma área de 331.935,507 km, a sua população 6.574.789 (2010) o que corresponde a uma densidade populacional de 19.81 hab/km, IBGE(2010).

O Maranhão possui ainda um conjunto de condições naturais, como localização geográfica privilegiada, vasta extensão de terras, água em abundância, aliadas a infraestrutura de portos, ferrovias, estradas, energia e outras. (SECOM, 2012, p.04)

O Maranhão é um dos nove Estados do Nordeste, e acompanhando seus vizinhos vem obtendo um crescimento acima da média nacional, com forte potencial turístico, o Estado vem se destacando pela exploração de seus recursos naturais e pela capacidade de atrair grandes investimentos.

A exemplo de outros Estados nordestinos, o Maranhão vive um amplo processo de crescimento econômico, que teve início em 2009, ocasionado por grandes obras de infraestrutura e um pacote de investimentos privados, que somados ultrapassam a quantia de R\$ 100 bilhões, para os próximos cinco anos. (SEDINC, 2011, p.21)

De acordo com a Secretaria de Comunicação do Estado do Maranhão (2012), é desta forma que o Maranhão quer entrar na lista dos 10 estados com maiores Produtos Internos Brutos (PIB) do Brasil até 2020 e contribuir decisivamente para a melhoria do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), distribuindo a riqueza gerada, entre todas as regiões. Nos últimos quinze anos, os indicadores de pobreza do Maranhão experimentaram expressiva melhoria. De fato, segundo o IPEA, entre 1995 e 2008, a taxa de pobreza absoluta caiu no estado de 77,8% para 55,9% – uma queda de quase 22 pontos percentuais. A taxa de pobreza extrema reduziu-se no mesmo período de 53,1% (a mais alta do país) para 27,2% – uma das maiores quedas entre todos os estados.

Os fatores mais influenciaram a melhoria desses índices são externos como a melhoria da economia nacional, e principalmente a política de distribuição de renda e combate a pobreza iniciada no governo Lula, e acompanhando esse ritmo o

governo estadual vê a necessidade de aproveitar esse momento e melhorar o contexto socioeconômico do Maranhão, tal esforço pode ser exprimido com os esforços para a ampliação dos benefícios vindo do Governo Federal, quanto com o incentivo aos grandes empreendimentos que pretende se instalar no Estado.

Assim, a estratégia a ser adotada pelo governo estadual para os próximos anos – além da continuidade do processo que obteve sucesso até agora – é a de aproveitar as excelentes perspectivas de investimentos no estado, que impulsionarão um crescimento alentado do PIB maranhense nos próximos anos. (SECOM, 2011, p.100)

O Estado do Maranhão é nacionalmente conhecido como um Estado dominado pela pobreza, e economicamente, culturalmente, e politicamente atrasados. Algo que fica incompreensível quando analisado que somos um Estado tão rico em terras férteis, em recursos naturais, posição geográfica no contexto internacional, em diversidade cultural, e potencial turístico; essa incompreensão é refletida na autoestima do povo maranhense que apesar de viver em uma região tão rica é desgostoso com o rumo que tomou seu precioso Estado. Esse momento de promessas de grandes investimentos é de uma importância tão significativa que foi capaz de reacender a esperança nos maranhenses de ver sua região em destaque no âmbito nacional e internacional.

A identificação e o planejamento das oportunidades, aliadas a uma política forte de combate à pobreza, transformarão o Maranhão num estado altamente competitivo e socialmente mais justo. (Secretária de Comunicação do Estado do Maranhão, 2011, p.11)

Os recursos previstos para o Estado do Maranhão somam mais de 100 bilhões de reais, estamos falando de um recurso que soma três vezes o PIB do Estado. Mas é salutar lembrar que um alto PIB não reflete uma região desenvolvida, para isso é importante continuar lutando contra a pobreza, e criar alternativas para distribuição de renda. Nosso problema não é apenas gerar renda, aumentar o PIB. Nosso problema é de exclusão social, de falta de geração de qualidade de vida, enfim, do que se chama de um não desenvolvimento sustentável, afirma a Secretaria de Comunicação do Governo do Maranhão (2012).

Transferir renda é a solução mais rápida para tirar o Maranhão da lista dos piores indicadores, como afirma a SECOM (2012, p.100), “Portanto, no Maranhão, o crescimento acelerado deverá ser combinado a uma intensificação das políticas de transferência de renda”, programas de combate à pobreza e distribuição de renda já estão fazendo sua parte, mas é preciso planejar a segunda fase que é a manutenção dessa renda, para isso o foco tem que ser mantido em dois pilares: emprego e educação. Então a educação profissional como elemento central aparece como um importante fator para esse processo de desenvolvimento e capacitação da população maranhense que almeja participar desses grandes investimentos que chegam ao Estado.

Ao mesmo tempo, é preciso planejar a segunda etapa do combate à pobreza, quando se terá um contingente numeroso de pessoas não mais abaixo da linha de pobreza, mas carentes de apoio para dar os primeiros passos rumo a sua inclusão produtiva no mercado. (SECOM, 2011, p.101)

Uma dúvida que surge é a capacidade e qualificação da população maranhense para fazer parte das empresas que irão compor o novo parque industrial, é uma preocupação pertinente às empresas que virão e ao governo do Estado que vem fazendo esforços para atrair essas empresas, segundo a Secretaria de Comunicação do Governo do Maranhão (2012) O governo do estado lançou, em maio de 2011, o Programa Integrado de Educação Profissional - Maranhão Profissional. O programa prevê a formação de mais de 400 mil pessoas para o mercado de trabalho.

Mas se este quadro for analisado de forma geral, é possível observar que os jovens que participam dos programas de educação profissional na sua maioria sentem dificuldade com o conteúdo e não saem plenamente preparados para o mercado de trabalho, e estamos nos deparando com outros dois dilemas: gargalos nos cursos profissionalizantes, e contratação de profissionais sem preparo.

Mas como cobrar bom desempenho de estudantes que passaram sua vida acadêmica em escolas de baixa qualidade, sem infraestrutura, com professores mal capacitados e que recebem baixos salários? Como cobrar leitura e dedicação de pessoas que nunca tiveram acesso às bibliotecas? Segundo pesquisa do PNAD -

Segurança Alimentar 2009, somente 35,4% dos maranhenses vivem em situação de segurança alimentar, ou seja, 64,6% da nossa população passa de alguma forma a incerteza do que terá para comer no dia seguinte, nesse cenário não é surpresa para ninguém que nossos trabalhadores façam um péssimo atendimento, que não tenham habilidades interpessoais, e raramente consigam desempenhar alguma função de liderança com mérito.

O presente trabalho vem pesquisar sobre o perfil dos alunos de escola pública que nunca tiveram acesso a conceitos sobre empreendedorismo e entender o que leva a esse resultado de baixo desempenho no mercado de trabalho, e defender uma educação com base no empreendedorismo desde o início da vida escolar dos nossos estudantes como fator crucial de mudança dessa realidade.

3 CONCEITO EMPREENDEDORISMO

Segundo Dolabela (1999), Empreendedorismo é o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de ideias em oportunidades, e a perfeita implementação destas oportunidades leva à criação de negócios de sucesso. O conceito de empreendedorismo ainda é uma área subjetiva e de difícil definição, internacionalmente é chamado de empreendedor o indivíduo que utiliza esforços e recursos para montar uma empresa, já em âmbito nacional o brasileiro usou da sua criatividade e ampliou esse conceito argumentando que empreendedor não é somente o empresário, mas sim qualquer indivíduo que tenha uma ideia e de forma pró-ativa muda sua realidade colocando-a em prática e gerando resultados com ela.

“Boa parte do progresso norte-americano é produto do indivíduo que teve uma ideia, foi atrás dela, modelou-a, ateve-ser firmemente a ela durante todas as adversidades e então produziu essa ideia, vendendo-a e lucrando com ela.” Humphrey (1966), de acordo com a citação podemos ver qual é o poder de transformação desses indivíduos, são eles o estopim para o desenvolvimento de uma sociedade, é através deles que surgem novos produtos, novas organizações, e é através dessas ideias que surgem a grande maioria dos empregos, fator que gera renda e consequentemente qualidade de vida para os membros de uma sociedade.

No amplo desenvolvimento que o Maranhão passa é necessário a criação de mão de obra técnica sim, mas acima disso é necessário que criemos indivíduos empreendedores, capazes de ter pensamento crítico, ser inovadores, e participar ativamente da construção desse novo Estado. Mas essas características não é o que vemos na população, reflexo de uma educação precária em que há apenas repetição de conhecimento, não estamos criando jovens pensadores e criativos, e sim indivíduos preparados apenas para repetir atividades de baixa complexidade, pessoas que não possuem interesse de buscar conhecimento, de leitura, e cada vez mais se afunda em um alienamento proporcionado pelas culturas de massa.

Se apontarmos a população como culpada dessa passividade e falta de interesse em relação ao mundo a sua volta, podemos aliviar nossa culpa, e continuar a falar que as consequências disso no mercado de trabalho são culpa do povo maranhense que é preguiçoso e não tem vontade de crescer, mas se for feita uma análise detalhada do ambiente é possível exigir que nossos jovens tenham uma postura empreendedora? Se eles sequer ouvirem falar desse conceito e o que significa? Se seus pais não possuem nem o ensino fundamental completo e ganham a vida em subempregos, e nunca tiveram a oportunidade de empreender?

Porém, não somente as aspirações empreendedoras levam o indivíduo a “empreender”, mas também as questões relativas à mentalidade, ao ambiente sociocultural e ao mercado consumidor são levadas em conta, agregadas aos fatores relacionados aos negócios, tais como política, infraestrutura, capital formal etc. (ANDREASSI et al., 2011, p.64)

Como afirma Greco et al. (2010) é nessa perspectiva, que ressalta-se a importância de desenvolver empreendedores que contribuam com o país no seu crescimento e que gerem possibilidades de trabalho, renda e investimentos, dado que nada acontece sem pessoas com perfil empreendedor, com visão e disposição para mudanças. Então é preciso incentivar o empreendedorismo no povo maranhense, é preciso que eles entendam o conceito e internalizem as características de um empreendedor, e não foquem somente em abrir empresas, mas também na forma interna de trabalhar o empreendedorismo dentro das empresas conhecido com intraempreendedorismo, é preciso tornar a população mais pró-ativa, geradora de mudanças, formar indivíduos com mente crítica e que possam se tornar formadores de opinião.

3.1 Empreendedorismo por oportunidade

Como já vimos empreendedor é o indivíduo que transforma ideias e/ou sonhos em negócios, mas no critério motivação podemos dividir essas pessoas em dois grupos: empreendedores por oportunidade, e empreendedores por necessidade. No primeiro grupo entendemos que as pessoas que empreendem por

oportunidade são aquelas que agem pró-ativamente diante de um problema que o mercado apresenta e movem esforços, reúnem recursos para criar um empreendimento que consiga atender a necessidade detectada, criam o negócio com a perspectiva de investimento e gerar lucros com ele, por ter agido com planejamento não precisam tanto daquele recurso no momento podendo agir com mais tranquilidade, esperando o tempo necessário para a empresa maturar e dá retorno.

Por possuir essas características esse tipo de empreendedor aumenta muito as chances de seu negócio obter sucesso, além de ser um negócio que crescem com mais segurança e empregando maior número de pessoas. Segundo ANDREASSI et al., (2010), vale lembrar que o empreendedorismo por oportunidade é mais benéfico para a economia dos países, onde os empreendedores que iniciaram o seu negócio por vislumbrarem uma oportunidade no mercado para empreender e como forma de melhorar sua condição de vida tem maiores chances de sobrevivência e de sucesso.

Quadro 1 – Expectativa de criação de empregos pelos empreendedores iniciais segundo motivação – Brasil – 2010

Expectativa de criação de emprego (5º ano)	Oportunidade (%)	Necessidade (%)
Nenhum emprego	34,9	38,8
De 1 a 5 empregos	36,6	48,2
De 6 a 19 empregos	18,3	9,4
Mais de 20 empregos	10,3	3,5
Total	100	100

Fonte: Pesquisa GEM Brasil 2010

Como apresenta o quadro acima os empreendimentos iniciados por empreendedores por oportunidade apresentam melhores taxa no critério quantidade de empregos gerados no 5º ano de vida da empresa, sendo então negócios de grande utilidade para a sociedade em geral. Segundo Greco et al. (2010), no Brasil em 2010, entre os empreendedores por oportunidade 43% o fizeram pela busca de maior independência e liberdade na vida profissional; 35,2% pelo aumento da renda pessoal; 18,5% apenas para a manutenção de sua renda pessoal, enquanto 3,3%

citaram outros motivos, ou seja, 78,2% vislumbram uma oportunidade de aprimorar a vida com o negócio que estão abrindo.

O mais interessante é que essas pessoas estão buscando aprimorar a sua vida e de suas famílias, mas acabam impactando direta ou indiretamente a vida de várias outras famílias, seja gerando empregos, seja gerando renda para fornecedores, ou satisfazendo necessidades das pessoas da região que a empresa atua.

Observa-se que os países com menor desenvolvimento econômico apresentam razões menores entre os empreendedores por oportunidade e necessidade, ou seja, na medida em que se desenvolvem, aumenta o número de empreendimentos por oportunidade. (ANDREASSI et al., 2011, p.47)

Empreendedores por oportunidade são os verdadeiros transformadores de oportunidade em renda, e fatores fundamentais para o desenvolvimento de qualquer região, à medida que um país se desenvolve aumenta as condições para que surjam empreendedores com essas características e como resultado mais chances de sucesso.

3.2 Empreendedorismo por necessidade

Em oposição aos empreendedores por oportunidade existem os empreendedores por necessidade, como o nome já diz são pessoas que resolvem montar um negócio devido à necessidade de manutenção da subsistência sua e de sua família, como o indivíduo não enxerga outra oportunidade de renda ele decide montar uma empresa com os recursos que ele tem no momento, independente se é momento mais propício, ou se o mercado tem boas expectativas em relação ao empreendimento.

Em compensação há pessoas que empreendem como única opção, ou seja, pela falta de melhores alternativas profissionais. São os empreendedores por necessidade. Porém, mesmo o empreendedorismo por necessidade pode gerar oportunidades de negócios e se transformar em empreendimentos por oportunidade. (ANDREASSI et al., 2011, p.49)

Um das características dos empreendimentos por necessidade é a urgência que o empreendedor tem do retorno financeiro, sendo esse um dos principais motivos de falência, pois todos os rendimentos da empresa são tirados pelo empresário para seu sustento, descapitalizando assim a organização e deixando-a sem capital de giro para dá continuidade as suas operações. Apesar de todo lado ruim dos empreendimentos por necessidade é possível encontrar vários negócios que deram muito certo e saíram dessa categoria, e hoje geram empregos e desenvolvimento social.

3.3 Relações de empreendedorismo

Para entendermos como funciona o processo de empreender precisamos analisar quais fatores que estimulam esse comportamento, e tentar repeti-los para multiplicamos o número de empreendedores de nossa região. A seguir analisaremos qual a relação de empreendedores entre gêneros, idade, escolaridade, renda familiar, segundo dados levantados na pesquisa GEM Brasil 2010.

3.3.1 Gênero

Historicamente os homens sempre dominaram o mercado de trabalho, cargos de lideranças, e por consequência a maioria das empresas era propriedade de uma figura masculina. Mas depois de tantas lutas e vitórias podemos observar que as mulheres vêm tomando conta do mercado de trabalho, esquecendo aquela antiga postura de dona do lar que tem que cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos, e passando a estudar mais e almejando uma carreira bem sucedida, e como era de se esperar elas estão empreendendo mais. Segundo Andreassi et al. (2011, p.51), em

2010, entre os empreendedores iniciais, 50,7% são homens e 49,3% mulheres, mantendo o equilíbrio entre gêneros no empreendedorismo nacional. Entre os 21,1 milhões de empreendedores brasileiros, 10,7 milhões pertencem ao sexo masculino e 10,4 milhões ao feminino.

A mulher brasileira é historicamente uma das que mais empreende no mundo. Apenas em Gana as mulheres atingiram taxas mais altas que os homens, entre todos os 59 (cinquenta e nove) países participantes da pesquisa em 2010. (GRECO, et al., 2010, p.47)

Há uma tendência indicando que as mulheres buscam alternativa de empreendimentos para complementar a renda familiar, além do que nos últimos anos elas vêm assumindo cada vez mais o sustento do lar como chefe da família, ampliando a participação na economia do país. Como afirma Greco et al. (2010), a mulher empreendedora também necessita da cooperação e apoio de investidores e financiadores, empregados, fornecedores e consumidores. Quando estes fatores agem como impedimento, a sociedade perde uma oportunidade de ganhar a energia empreendedora de metade de sua população.

3.3.2 Idade

A sociedade pode se beneficiar de empreendedores de todas as faixas etárias. Num extremo as pessoas jovens têm ideias holísticas, perspectivas diferentes de observar o ambiente e formação diferente dos seus pais. Comparativamente os jovens têm menos a perder em questões como pagamento de financiamentos imobiliários e sustento de famílias. No outro extremo as pessoas mais velhas possuem experiência, contatos e acumulam capital durante sua longa carreira. Apesar de a atividade empreendedora ser mais dinâmica nas idades intermediárias, os formuladores de políticas públicas não devem perder de vista o potencial empreendedor dos extremos das faixas etárias. (Trecho extraído e traduzido do GEM GLOBAL, 2010, apud GRECO et al. p.49)

O empreendedorismo não escolhe idade, e não é um dom que somente algumas pessoas especiais nasçam com ele, o empreendedorismo é um comportamento que pode ser adquirido em qualquer fase da sua vida, o que ocorre

é dependente da idade o empreendedor enfrenta cenários de oportunidades e ameaças diferentes, por exemplo: um jovem obtém vantagens ao iniciar um empreendimento no início da sua carreira, pois normalmente não conta com responsabilidade como filhos, financiamento, e recebem subsídios dos pais, mas em contrapartida enfrentam dificuldades como falta de experiência, e nome ainda desconhecido no mercado.

Já empreendedores com idades mais elevadas ganham na experiência adquirida ao longo da vida, possuem uma *networking* mais desenvolvida, e na habilidade minimizar de riscos, mas esse último item pode ser seu fator limitante, pois como provavelmente possuem muitas responsabilidades evitam decisões com risco elevado que por muitas das vezes são as que diferenciam os pequenos dos grandes negócios.

Observa-se que a faixa de 25-34 anos apresenta maiores taxas de empreendedorismo que as demais, seguida pela faixa dos 35-44 e de 45-54 anos. Desta forma as taxas mais baixas estão nas 2 (duas) faixas extremas. (GRECO, 2010, p.50)

Verifica-se que a faixa etária que obtém a mais alta taxa é aquela que vai dos 25 aos 34 anos com 22,2%. Isto quer dizer que entre os brasileiros com idades entre 25 e 34 anos, 22,2% estavam envolvidos em algum empreendimento em 2010 como afirma Greco et al., (2010).

3.3.3 Escolaridade

Para um aprofundamento das análises sobre a escolaridade do empreendedor brasileiro foi utilizada a classificação de anos de estudo, o qual permite um maior detalhamento das informações, principalmente no que tange aos níveis mais baixos de escolaridade. Ao avaliar o contexto educacional brasileiro, o que se constata é que, em termos quantitativos, a escolaridade da população tem se aumentado nos últimos anos, dado que observaram-se devido as quedas no

analfabetismo, aumento significativo na frequência escolar, menor abandono dos estudantes e mais tempo de estudo para a população, reforçado por Greco et al. (2010).

A ação empreendedora e sua relação com o nível de escolaridade denotam que 78,6% dos empreendedores brasileiros têm acima de 5 anos de estudo. Portanto, considerando que a parcela da população brasileira com esse tempo de escolaridade é de 64,7%, pode-se afirmar que o empreendedor possui mais anos de estudo do que a média do cidadão brasileiro como afirma Greco et al. (2010, p. 56). Observa-se que à medida que aumentam os anos de estudo da população, crescem as taxas de empreendedorismo, e como veremos a seguir à medida que aumenta a escolaridade o percentual de empreendedores por oportunidade.

Quadro 2 – Empreendedores iniciais segundo motivação e escolaridade – Brasil – 2010 – Taxas (%)

Escolaridade (anos de estudo)	Taxa de empreendedores	MOTIVAÇÃO		Razão oportunidade / necessidade
		Oportunidade	Necessidade	
Sem educação formal	9,3	4,7	4,7	1,0
1 a 4	15,7	7,9	7,9	1,0
5 a 11	17,1	11,7	5,3	2,2
Mais de 11	19,7	15,6	3,4	4,6
Todas as faixas	17,5	11,9	5,4	2,2

Fonte: Pesquisa GEM Brasil 2010

Um dado interessante é observado quando analisamos e comparamos a escolaridade sob a ótica da motivação (quadro 2). Quando avaliada o número de empreendimentos por oportunidade/necessidade, nota-se o empate dos índices das pessoas de escolaridade até quatro anos. Essa diferença torna-se exponencialmente significativa para as faixas de escolaridade mais altas, chegando a ter 4,6 empreendedores por oportunidade para cada 1 por necessidade na faixa da população com mais de 11 (onze) anos de estudo. Levando a conclusão que quanto maior a escolaridade do cidadão, maiores são as chances do mesmo empreender por oportunidade e manter um negócio saudável.

3.3.4 Renda familiar

Para analisar-se a renda familiar dos brasileiros, utilizou-se a mesma divisão que o GEM faz em todos os países estudados, dividindo em 3 partes iguais, ou seja, entre o terço de renda mais baixa, o terço de renda mais alta e o terço médio, entre os dois extremos. A seguir é apresentado o quadro de taxas de empreendedores segundo renda x motivação:

Quadro 3 – Empreendedores iniciais segundo motivação e renda – Brasil – 2010 – Taxas (%)

Faixa de Renda (salários mínimos)	TEA	Motivação		Razão oportunidade/necessidade
		Oportunidade	Necessidade	
Menos de 3	16,0	9,1	6,9	1,3
De 3 a 6	18,8	14,6	4,2	3,5
Mais de 6	19,0	15,3	3,7	4,1
Total	17,3	11,9	5,4	2,2

Fonte: Pesquisa GEM Brasil 2010

Quando analisamos o critério financeiro em relação ao empreendedorismo observamos os seguintes fatos: as maiores taxas de empreendedores se encontram nas faixas de renda média e alta, e restando a classe baixa o menor índice somado ainda a tendência de empreendimentos gerados por necessidade.

Os empreendedores por oportunidade também crescem na medida em que a renda familiar aumenta. Os empreendedores com rendas mais baixas são os que possuem maiores taxas de empreendedorismo motivado pela necessidade. (GRECO et al., 2010, p.60)

Fato que também pode ser explicado se cruzarmos a variável renda com a variável escolaridade, as pessoas com maiores rendas tem maior acesso a uma educação de qualidade, informação, conhecimento do mercado, e outros empreendedores, ou seja, apesar de não estudar o empreendedorismo diretamente, as pessoas de renda mais alta estão em constante contato com o mundo

empreendedor e mais encaixadas na economia do conhecimento, restando aos indivíduos de renda baixa esperar que esses benefícios sejam subsidiados pelo governo, e como é sabido ainda não existem esforços relevantes a propagação do empreendedorismo pelo governo.

3.4 Intenções empreendedoras

Uma cultura empreendedora pode ser reforçada com percepções como o status que a sociedade confere ao empreendedor e a percepção de que o empreendedorismo pode ser uma boa opção de carreira. A mídia pode reforçar notícias sobre empreendedores, como, por exemplo, revistas e programas de televisão mostrando empreendedores de destaque, matérias de jornais relatando histórias de sucesso individual. Empreendedores como heróis e suas histórias de sucesso podem moldar significativamente a impressão da sociedade. Formuladores de políticas públicas podem tomar ações específicas para destacar empreendedores e moldar percepções culturais que incentivem essa prática, como afirma Greco (2010).

Quadro 3 – Percepções sobre o empreendedorismo – Brasil – 2010

Brasil	% da população de 18-64anos que afirmam que empreender é uma boa opção de carreira.	% da população de 18-64 anos que afirmam que aqueles que alcançam sucesso ao iniciar um novo negócio têm <i>status</i> e respeito perante a sociedade.
Todos respondentes	78	79

Fonte: Pesquisa GEM Brasil 2010

De acordo com o quadro 3, da população de 18 a 64 anos 78% afirma que empreender, ou seja, montar seu próprio negócio é uma boa opção de carreira, e 79% dos mesmos respondentes concordam que empreendedores que alcançam o sucesso e estabilidade do seu negócio são respeitados e admirados pela sociedade, a partir desses números é possível inferir que o empreendedorismo é visto a bons olhos pelos brasileiros, mas quando é perguntado a essas mesmas pessoas quais delas tem intenções de empreender esse número cai consideravelmente como mostra o quadro abaixo:

Quadro 4 – Intenção empreendedora – Brasil – 2010

Brasil	Afirmam ter intenção de empreender. **
Todos respondentes	26,5

Fonte: Pesquisa GEM Brasil 2010

Como mostra o quadro 4, 26,5% dos respondentes da pesquisa GEM Brasil afirma que tem intenções reais de empreender em algum momento da vida, ou seja, mais de 1/4 da população brasileira ativa tem intenções empreendedoras, número alto e muito bom para perspectivas econômicas do país, mas apesar de todo esse empenho do brasileiro ele acaba esbarrando em barreiras que atrapalham e muito a vida dos nossos empreendedores.

3.5 Barreiras ao Empreendedorismo

Segundo Greco (2010), Quando se analisa a percepção dos especialistas quanto às condições para empreender no Brasil, nota-se predominância de condições desfavoráveis para o empreendedorismo. Apesar das condições macroeconômicas estarem favorecendo o empreendedorismo no Brasil, ainda precisa evoluir significativamente nas condições mais ligadas às políticas de apoio ao empreendedor.

Os aspectos mais desfavoráveis ao empreendedorismo estão ligados a políticas e programas de governo, bem como serviços educacionais, financeiros, de ciência e tecnologia e de regulação da competição no País.

Nota-se que “Políticas Governamentais” e “Programas Governamentais” são desfavoráveis e na percepção dos especialistas tiveram uma baixa de 2002 a 2010. Apesar de citarem como avanços a Lei Geral da Microempresa e Empresa de Pequeno Porte aprovada em 2006 e a introdução de Programas de apoio ao empreendedor nos últimos anos, ainda assim há um gap entre a necessidade e a oferta de programas do governo, bem como uma distância entre as políticas e programas implementados e o empreendedor, que muitas vezes não tem acesso aos mecanismos criados. (GRECO, 2010, p.144)

Na pesquisa GEM Brasil o grupo de especialistas pesquisados reforçam que o Brasil é um país com fortes intenções empreendedoras, mas destacam 3 principais que criam barreiras o despertar do processo empreendedor, como mostra o quadro 5, em primeiro lugar a falta de políticas governamentais voltadas para o empreendedorismo, o apoio financeiro de instituições como bancos e financiadores ao empreendedor inicial, e por último a falta de programas educacionais que incentivem o empreendedorismo.

Quadro 5 – Fatores limitantes ao empreendedorismo citados pelos especialistas – perguntas abertas

FATORES LIMITANTES	% de citações						
	2002	2003	2004	2006	2008	2009	2010
Políticas Governamentais	84%	62%	69%	80%	69%	86%	69%
Apoio Financeiro	42%	58%	71%	71%	46%	50%	56%
Educação e Capacitação	67%	35%	40%	51%	37%	58%	50%

Fonte: Pesquisa GEM Brasil 2010

Importante também destacar todo um conjunto de condições desfavoráveis ligadas às áreas da Educação, Ciência e Tecnologia. As condições “Educação e Capacitação” e “Capacidade Empreendedora: Potencial” denota a dificuldade que se tem de garantir recursos humanos capazes de perceber oportunidades e aproveitá-las. Como se pode destacar os especialistas consideram que não há ainda no País a introdução de conceitos de empreendedorismo desde a escola básica até níveis mais avançados, e tal situação apenas reforça a percepção de que nosso empreendedor não possui condições para iniciar e administrar um negócio conforme afirma Greco et al (2010, p.145).

3.5.1 Políticas Governamentais

Segundo levantamento feito pelo GEM (Global Entrepreneurship Monitor) e citado e analisado por (GRECO et. al., 2010) podemos destacar que a grande concentração das críticas diz respeito a políticas gerais, burocracia e carga

tributária, de responsabilidade das três esferas governamentais: federal, estadual e municipal, podendo destacar os seguintes fatores.

1. Falta de uma política nacional voltada para o Empreendedorismo, contemplando focos estratégicos nacionais e regionais, fontes de financiamento, linhas de crédito específicas para novos e já existentes empreendedores e formas de apoio.

2. Carência de incentivos governamentais para os novos empreendimentos, dando condições mínimas para um empreendimento. É preciso que o Governo Federal dê condições para que os estados e municípios possam conceder incentivos.

3. A burocracia afeta a abertura e manutenção dos novos negócios. Houve um avanço recente com a lei do empreendedor individual, mas esta está voltada para negócios muito pouco sofisticados.

4. O peso da carga tributária exercida sobre as atividades empreendedoras, especialmente sobre a folha de pagamento. Houve avanço com relação às micro e pequenas empresas em função da Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, do Simples. Entretanto, depois que a empresa se desenquadra da condição de micro e pequena empresa, a possibilidade de crescimento é bastante dificultada em razão da carga tributária elevada.

5. O empreendedor não sabe em que porta bater para submeter um projeto inovador, para que tenha uma análise contínua do seu projeto, saber se ele está tramitando ou não. Falta um ponto único onde o empresariado possa ter interlocução mais efetiva, confiável, de que ele está caminhando para um lugar certo. O resultado é que, na dúvida, as pessoas preferem se retrair.

3.5.2 Apoio financeiro

Em relação aos aspectos financeiros o estudo Empreendedorismo no Brasil por (GRECO et. al., 2010) aponta os seguintes fatores de impedimento:

1. Exigência de garantia real para concessão de financiamentos.

2. Dificuldade de acesso ao crédito e o seu custo elevado (juros, impostos e taxas bancárias), insuficiência de microcrédito e de produtos e serviços bancários especialmente desenhados para MPEs e empresas nascentes.

3. Muita burocracia no acesso aos recursos financeiros desestimulando o empreendedorismo. Além disso, muito dos programas de apoio financeiro não tem uma grande divulgação dificultando o acesso do empreendedor a essas linhas de financiamento.

5. Custo do capital. Os juros no Brasil são um dos mais abusivos e mais altos do mundo. Nos outros países reduziram taxas de juros para incentivar o consumo.

7. Apoio financeiro destinado a potenciais empreendimentos, ou seja, para empresas em fase de pré-incubação, são muito raros e, quando existem, são mal divulgados. Algum tipo de apoio para esta fase é fundamental, pois, potenciais empreendedores tendem a desistir de suas ideias, normalmente surgidas no âmbito das universidades, por não possuírem recursos objetivos para torná-las viáveis.

No geral, percebe-se que a maior crítica não é a existência de fundos de financiamento, mas sim o acesso ao crédito, envolvendo exigências que não são atendidas pelo empreendedor, em especial aqueles que estão iniciando o negócio.

3.5.3 Educação e Capacitação

O item que mais chama a atenção em relação às barreiras ao empreendedorismo é o item educação, segundo os especialistas pesquisados esse fator é o mais determinante para o desenvolvimento de novos empreendedores, a realidade é que o Brasil é um país de empreendedores que não sabem o que é o empreendedorismo.

Quadro 6 – Recomendações mais citadas pelos especialistas – Brasil – 2002 a 2010

RECOMENDAÇÃO	% de citações						
	2002	2003	2004	2006	2008	2009	2010
Educação e Capacitação	78%	88%	71%	57%	69%	69%	81%
Políticas Governamentais	76%	62%	57%	100%	63%	75%	47%
Apoio Financeiro	31%	31%	46%	40%	34%	31%	39%

Fonte: Pesquisa GEM Brasil 2010

Como o quadro 6 mostra em 2010 mais de 80% dos especialistas afirmara que a principal barreira para o desenvolvimento do empreendedorismo é a educação e capacitação do nosso povo, dando ênfase que para transformar e desenvolver nossa sociedade é preciso que população e governo comecem a dá mais atenção a esse quesito.

É importante destacar a maior citação em 2010 dada para a “Educação e Capacitação”, identificando a preocupação dos especialistas com a base para a formação de um comportamento mais empreendedor por parte da sociedade brasileira. Reforça a percepção de que se deva dar maior atenção a este tema nas propostas de políticas públicas. (GRECO, 2010, p.178)

Se essa situação preocupa no cenário nacional ela é muito mais agravante na realidade maranhense, temos infinitos déficits para melhorar a educação básica da forma arcaica que ela existe hoje, seria preciso um esforço e dedicação ímpar da classe política e das escolas para começarmos a trabalhar a educação empreendedora como fator necessário para aumentar a competitividade do nosso Estado. Continuando a estudar os pontos levantados pela pesquisa GEM no Brasil por Greco et. al. (2010), observamos essas principais entraves ao empreendedorismo no Brasil:

1. Estudar empreendedorismo na escola e oferecer a disciplina “Empreendedorismo” na educação regular. Incluir o empreendedorismo no âmbito escolar é papel das três esferas governamentais federal, estadual e municipal.

2. Há falha na formação dos professores, dado que não gostam de ensinar a “correr riscos”.

3. No processo de formação do indivíduo o sistema educacional não instiga a pensar e desenvolver ‘tino’ de negócios que são um dos vários elementos que compõem a atividade empreendedora. A educação não contempla a associação do sonho com o trabalho e não prioriza o estudo de oportunidades, a criatividade e a inovação.

4. Falta capacitação da população economicamente ativa e que procura empreender. Deve haver capacitação em instituições como SEBRAE, SENAI, SESI, enfim, o Sistema S.

5. Educação universitária sem abordar o empreendedorismo.

6. A educação empreendedora na juventude, época em que os jovens estão se inserindo no mercado de trabalho, é um fator limitante. O empreendedorismo deveria ser incentivado na infância de maneira que as crianças adquiram/identifiquem-se com as atividades empreendedoras.

7. Cultura nacional. Ainda incipientes ações de fomento e educação empreendedora nas escolas públicas, nas universidades.

8. Baixo nível de educação da população. Escolas públicas com ensino muito ruim, por isso a mão de obra é desqualificada.

9. O povo é criativo, mas não há conhecimento suficiente para transformar em inovação. Há falta de educação em empreendedorismo, não há base cultural.

Como já tratado anteriormente, de fato há uma percepção de que a Educação no Brasil não favorece o empreendedorismo, seja durante a formação básica ou em níveis mais avançados. Tal percepção é extremamente preocupante, pois se sabe que a educação é a base de um processo continuado de crescimento e desenvolvimento de uma sociedade. (GRECO, 2010, p.161)

Segundo Maxiamiano (2011), quando pontuamos os níveis organizacionais de uma empresa em nível estratégico, tático, e operacional; e comparamos esses

níveis aos princípios da administração que são planejar, organizar, executar, e controlar; podemos destacar que a educação de nossas escolas públicas não é voltada para preparar nossos estudantes para a universidade, informação que é provada pela total falta de preparo do aluno de escola pública em relação ao aluno de escola particular, sobrando como opção ao término da escola o estudante ingressar no mercado de trabalho para complementar a baixa renda da sua família, mas será que após os 12 anos que estudante cursou na escola pública ele foi preparado de alguma forma para o que ele iria encontrar no mercado de trabalho? A resposta é não, então o único lugar que cabe a esse estudante nas empresas são as vagas operacionais, que por ventura carecem de menor capacitação, e que precisam de maior esforço físico, e as que pior remuneram.

O estudante não foi adequadamente preparado para trabalhar com pessoas, para liderar, e muito menos para inovar e pensar fora da caixa, diminuindo assim as chances de uma carreira na empresa e ascensão aos níveis táticos e estratégicos, e indo mais além é fora da realidade desses jovens pensarem em ter seus próprios negócios, comandar equipes, e elevar seu padrão financeiro aos mais altos da sociedade.

A grande questão é: Como a escola poderia influenciar nessa situação e mudar a realidade desses jovens, por consequência das suas famílias e em um efeito dominó a realidade do povo maranhense? O empreendedorismo é um motor do desenvolvimento, e este motor é acionado no momento em que as pessoas têm aspirações, sonhos e condições para realizar esse sonho. A escola tem que trabalhar em parceria com esse conceito e começar a formar cidadãos com esses comportamentos só podemos começar a falar com em desenvolvimento sustentável.

Segundo Greco et al (2010), Ao considerar as respostas dadas pelos entrevistados a partir da aplicação do questionário com perguntas estruturadas, se nota a percepção de que o ensino fundamental e médio não dá atenção adequada ao tema empreendedorismo e aspectos a ele relacionados como informações sobre os princípios econômicos de mercado e, no que tange a aspectos comportamentais, tais como encorajamento à criatividade, à autossuficiência e à iniciativa pessoal. Ainda com relação à educação, é citado que, em geral, as pessoas não possuem o

conhecimento, habilidades e experiência necessárias para iniciar e administrar pequenos negócios.

Abaixo segue algumas sugestões dadas pelos entrevistados da pesquisa GEM para melhorar a formação dos nossos estudantes e fomentar o empreendedorismo como habilidade competitiva.

1. Difundir a cultura do empreendedorismo nos conteúdos programáticos dos cursos do ensino fundamental e médio, formação profissional, escolas técnicas e ensino superior.

2. Conscientizar a sociedade da necessidade de implantar uma pedagogia empreendedora nas escolas de ensino básico, de todo o país, públicas e privadas.

3. Capacitar professores para atuarem em uma pedagogia empreendedora.

4. Reformar o sistema educacional brasileiro, dado que ainda é voltado, na sua maior parte à geração de empregados. Introduzir a educação para o empreendedorismo, à sustentabilidade e à inovação em toda a vida escolar, inclusive nos cursos de pós-graduação *stricto sensu e lato-sensu* e em cursos profissionalizantes, para gerar a cultura empreendedora.

5. Focar na educação, principalmente uma formação de empreendedores do tipo *Schumpeteriano* (inovador).

6. Realizar eventos e cursos de empreendedorismo em todas as regiões do Brasil, principalmente Norte e Centro-oeste.

7. Aproximar as universidades e, principalmente, os seus pesquisadores, com os empreendedores.

8. Incluir cursos e atividades de empreendedorismo e sensibilização à inovação em todos os programas de instituições de ensino.

9. Focar a capacitação que prepare a mão de obra para mercados específicos emergentes, como setor de serviços, que representam uma parcela elevada do PIB Nacional, assim como no mundo inteiro. Quando se fala em capacitação para mercados específicos, se fala em TI (Tecnologia da Informação) e línguas, pois

idiomas são fundamentais. Essa iniciativa é principalmente responsabilidade dos governos, mas também cabe à iniciativa privada, associações e terceiro setor.

10. Difundir o ensino de empreendedorismo nas escolas, em todos os níveis, atrelados à alfabetização digital. Este papel deve ser desenvolvido por processo colaborativo entre toda a sociedade.

11. Ampliar o sistema de incubação de empresas, oferecendo locais para “errar”, com incentivos à inovação (criatividade transformada em negócios). Este papel deve ser desenvolvido por entidades de caráter educacional e tecnológico.

12. Enfatizar o ensino vocacional e técnico, em agronegócios, turismo, artesanato, moda, construção civil sustentável. Formar mão de obra de melhor qualidade, com mais condições de programar suas ações, prever resultados, prevenir erros, defeitos e gastos de materiais; busca de recursos mais baratos e eficientes de tratar da saúde da população.

Em síntese, as recomendações tratam da introdução de disciplinas de empreendedorismo nas escolas (nível básico, médio, universitário, pós-graduação) até a maior aproximação entre a escola e o empreendedor. No Brasil temos alguns defensores estudiosos do empreendedorismo, dentre eles podemos destacar o consultor e professor da Fundação Dom Cabral, ex-professor da UFMG, consultor da CNI-IEL Nacional, do CNPq e de dezenas de universidades Fernando Dolabela criador da metodologia educacional intitulada Educação Empreendedora, no capítulo seguinte iremos entender melhor como funciona essa metodologia e como ele irá poder ajudar a realidade maranhense.

4 PEDAGOGIA EMPREENDEDORA

O empreendedorismo já existe e faz parte da vida das pessoas e do modo como funciona nossa sociedade, o que é colocado em xeque é o modo como ele vem sendo propagado, em que apenas uma minoria privilegiada tem contato com suas práticas e ensinamentos. Muitas faculdades, principalmente as com foco em negócios já colocaram o empreendedorismo na sua grade de ensino, algumas iniciativas como o Desafio SEBRAE procuram despertar o comportamento empreendedor em universitários; instituições como o SEBRAE e o SENAC têm dentro das suas grades de cursos módulos e metodologias que reforçam essa prática.

O que acontece é que a maior parte da população não tem acesso a esse conhecimento, indivíduos que morrem sem nunca ter tido a oportunidade saber o que é empreender e como isso poderia ter mudado sua vida e ajudado a alcançar seus sonhos, quanto indivíduos que ariscam montar seu próprio negócio, mas sem o conhecimento necessário colocando em risco todo seu patrimônio e segurança da sua família.

É que percebi que, além da universidade, além de trabalhar com estudantes universitários, é essencial que se trabalhe em todos os âmbitos, em todos os níveis de educação. Há formas de empreendedorismo que concentram renda, conhecimento e poder. Essas formas não são adequadas ao Brasil. Temos que ter atividades econômicas que incluam, e não que excluam a população. (Revista de Negócios, Blumenau, v. 9, n. 2, p. 127-130, abril/junho 2004)

Segundo Dolabela (2004, em: <http://fernandodolabela.wordpress.com>), “A Pedagogia Empreendedora é uma metodologia de ensino de empreendedorismo para a Educação Básica: educação infantil até o ensino médio. Atinge, portanto, idades de 4 a 17 anos”, com a aplicação dessa metodologia nas nossas escolas pública, alinhada com uma política de zero analfabetismo e todas as crianças brasileiras na escola, dentro de muito pouco toda nossa população ia ter acesso aos conteúdos referentes ao empreendedorismo, uma população que aprendeu a

importância de características como a criatividade, atitude, vontade de fazer e realizar coisas diferentes.

A pedagogia empreendedora respeita a liberdade de escolha do aluno e não impõe a ele a obrigação de gerar um negócio como meio de vida, mas trabalha em conjunto para ensinar o empreendedorismo como uma forma de ser, trabalha para que o aluno internalize as competências do empreendedorismo e a aplique em qualquer área que o mesmo escolha, seja como funcionário privado, autônomo, ou funcionário público, segundo Dolabela (2004), com uma abordagem acentuadamente humanista, a metodologia elege como tema central não o enriquecimento pessoal, mas a preparação do indivíduo para participar ativamente da construção do desenvolvimento social, com vistas à melhoria de vida da população e eliminação da exclusão social.

[...] É vinculada a tecnologias de desenvolvimento local, sustentável; por isto tem como alvo não só o indivíduo, mas a comunidade. Estimula a capacidade de escolha do aluno sem influenciar as suas decisões, preparando-o para as suas próprias opções. Trata o empreendedorismo como uma forma de ser e não somente de fazer, transportando o conceito que nasceu na empresa para todas as áreas da atividade humana. (DOLABELA, Fernando. Pedagogia Empreendedora Em: <<http://fernandodolabela.wordpress.com/servicos-oferecidos/pedagogia-empreendedora/>>).

A pedagogia empreendedora é um instrumento de inclusão social, uma forma de levar a indivíduos com pouca ou nenhuma perspectiva futuro a possibilidade de sonhar e mostrar que todos são capazes de alcançar seus objetivos, desde que alinhado com esforço e trabalho duro, é um trabalho que vai além do aluno, é um trabalho que influencia sua família e tem reflexo em toda sociedade, Segundo Dolabela (2004) a metodologia é voltada para o desenvolvimento social, redefinindo uma proposta empreendedora para o Brasil. Ela vê o empreendedorismo como um instrumento muito forte não só de desenvolvimento de geração de riqueza, mas também como um fenômeno social e cultural. A educação empreendedora pode não ser a solução para o problema do Brasil, mas com certeza será um grande primeiro passo.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo serão demonstradas as etapas que envolveram a investigação empírica sobre os alunos de escola e os alunos de escola pública com acesso a educação empreendedora, quais foram os aspectos metodológicos, o tipo de pesquisa usada, coleta, tratamento e limitações dos dados.

5.1 Tipos de pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se por ter um caráter exploratório, salienta-se que as pesquisas exploratórias são aquelas que têm por objetivo explicitar e proporcionar maior entendimento de um determinado problema. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador busca um maior conhecimento sobre o tema de estudo (GIL, 2005).

Segundo Vergara (2007), “A pesquisa exploratória - exige pouco conhecimento sistematizado, possui caráter de sondagem, não comporta hipóteses, mas estas podem surgir no final”. No caso, a pesquisa tem como objetivo investigar o perfil empreendedor dos alunos de escola pública e fazer um comparativo com o perfil de alunos que já tiveram acesso a algum tipo de educação empreendedora.

Para a coleta de dados foi utilizado formulários de pesquisa aplicados tanto de forma online, quanto presencial, para Vergara (2007), coleta de dados é a forma como se obtêm os dados necessários para resolver o problema. Então para obtenção do dados fins da pesquisa foi utilizado a pesquisa exploratória através da aplicação de questionários, já quanto ao dados que reforçaram o estudo foi utilizado a pesquisa bibliográfica, Para Vergara (2007, p. 43): “Pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral”.

5.2 Universo e amostra

Para realizar o estudo foram determinados dois universos, o primeiro foi de alunos de escola pública regular que ainda estão cursando o ensino médio, e o segundo universo aborda as mesmas características do primeiro, mas com um diferencial: alunos que tiveram acesso a um curso profissionalizante que utiliza a educação empreendedora como metodologia.

Foi escolhida uma amostra de 54 estudantes de cada universo para realizar a pesquisa, a escolha dos participantes foi feita através de uma amostragem não probabilística que segundo Mattar (2006), “é aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo”, reforçando o conceito de amostra não probabilística temos a tabela abaixo:

TABELA 7: Formatos de amostragens probabilísticas e não probabilísticas

AMOSTRA NÃO PROBABILÍSTICA	
Amostra por conveniência	O pesquisador seleciona membros da população mais acessíveis.
Amostra por julgamento	O pesquisador usa o seu julgamento para selecionar os membros da população que são boas fontes de informação precisa.
Amostra por quota	O pesquisador entrevista um número predefinido de pessoas em cada uma das várias categorias.

Fonte: SCHIFFMAN, L. & KANUK, (2000)

A aplicação de questionário nos alunos de escola pública sem acesso a educação empreendedora foi feita de forma aleatória através de formulário online em membros de redes sociais que se autodeterminam estudantes de escola pública, já no segundo universo foram aplicados questionários de forma presencial, através de visita na instituição que os alunos tem acesso aos conteúdos de empreendedorismo.

5.3 Tratamento dos dados

Para tratamento e tabulação dos dados foi utilizado um conjunto de tecnologias para cada fase, na aplicação online foram utilizados formulários do Google docs, que permitem a elaboração de questionários de maneira interativa e disponibiliza o link da pesquisa para ser divulgada entre os participantes, já a etapa presencial o questionário foi elaborado no Microsoft Word (ANEXO I), e a tabulação e tratamento das tabelas e gráficos foram geradas no Microsoft Excel.

6 RESULTADOS

Como resultado da pesquisa é buscado saber a resposta da problemática do trabalho: Os estudantes de escola pública possuem características empreendedoras necessárias para participar do processo de desenvolvimento prometido para São Luis nos próximos anos?

E saber quais das hipóteses levantadas é a que mais se aplica a realidade dos estudantes maranhenses

- Os estudantes de baixa renda da capital não possuem características empreendedoras, e aceitam o determinismo de estudarem para trabalhar em atividades operacionais;

- Os jovens ludovicenses possuem sonhos e características empreendedoras, mas que não são incentivadas no seu cotidiano e por vezes acabam morrendo ou ficando adormecidas.

- O empreendedorismo entre os estudantes da rede pública de São Luis é uma prática comum que deve ser mantida e incentivada.

Para definir a hipótese que corresponde a realidade achou-se necessário conhecer o perfil de alunos que nunca tiveram acesso ao ensino do empreendedorismo e comparar com as mudanças que ocorrem no perfil do jovem que tem acesso a educação empreendedora, como já foi falado foi feito um levantamento com 54 alunos de cada realidade, e para atingir o resultado que esperamos foram cruzados os dados das suas respostas que veremos a seguir.

6.1 Dados gerais

As perguntas que foram usadas no questionário tiveram o intuito de levantar o perfil empreendedor dos alunos, e para isso foram divididas em dois grupos: dados gerais, empreendedorismo. Nas perguntas referentes a dados gerais foram

abordadas questões como idade, gênero, número de pessoas na mesma residência, escolaridade dos pais, e renda familiar. Com esses dados é possível observar o contexto de vida desse estudante, e como já foi visto o empreendedorismo é um processo social, em que todos esses fatores influem diretamente no desejo dos jovens empreenderem.

6.1.1 Idade

A pesquisa foi focada em estudantes de ensino médio, que de acordo com o cronograma regular da educação brasileira devem ter entre 15 e 18 anos, a escolha dos participantes foi feito de forma aleatório em relação a idade ou o ano de curso dos estudantes, mas abaixo segue a média de idade dos grupos pesquisados, como critério de separação usamos os termos “Escola pública” para se referir ao grupo de alunos que não tiveram acesso a educação empreendedora, e o grupo que já teve contato com a metodologia do empreendedorismo é denominado “Educação Empreendedora”:

Tabela 8 – Média de idade dos grupos pesquisados em anos.

Média de idade		
	Escola Pública	Educação Empreendedora
Média	16,6	16,5

Fonte: Autoria própria

A pesquisa mostra uma equidade entre a média de idade dos dois grupos participantes, como esse número mostra é possível observar que os participantes em sua maioria são menores de idade, ou seja, nunca tiveram contratos formais de trabalho, e como consequência nunca vivenciaram na prática o mercado de trabalho ou o mundo empreendedor.

6.1.2 Gênero

As observações que podem ser feitas em relação a gênero são as mesmas vista na pesquisa GEM 2010 (Global Entrepreneurship Monitor), conforme quadro abaixo:

Tabela 9 – Divisão dos participantes de acordo com gênero.

Gênero		
	Escola Pública	Educação Empreendedora
Masculino	46,3%	42,6%
Feminino	53,7%	57,4%
Total	100%	100%

Fonte: Autoria própria

O gênero feminino já ultrapassa a marca de 50% das populações analisadas, e como a pesquisa GEM 2010 defende é um erro esquecer as mulheres quando falamos de empreendedorismo, elas já representam uma grande força nas lideranças das empresas brasileiras, e deixar de incentivar essas jovens desde a educação básica, é perder 50% do nosso potencial de desenvolvimento.

6.1.3 Escolaridade dos pais

O ensino das escolas públicas maranhense é notoriamente de baixa qualidade, segundo o IDEB (2011), em relação ao desempenho das escolas da rede pública, a nota de 4,7 estabelecida como meta pelo MEC não foi ultrapassada. Ela ficou em 3,9, como visto o ensino básico maranhense ficou 0,8 longe de atingir sua meta, mas isso sem levarmos em conta que o índice de uma escola com desempenho considerado bom é de 6,0 pontos. Então é conveniente afirmar que os estudantes de escola pública não saem preparados nem com a educação básica, quicar com uma educação que forme o individuo para os desafios da vida, e para ser um cidadão participante e com mente crítica. Como alternativa a esse ensino o jovem recorre a uma educação em casa para complementar seus conhecimento e influenciar seu comportamento, mas quando analisamos a escolaridade dos pais desses adolescentes observamos que o cenário não é tão animador.

Tabela 10 – Escolaridade - Pais de alunos de escola pública São Luis.

Escolaridade dos pais			
	Escola Pública	Educação Empreendedora	Média
Ens. Fundamental Incompleto	11,1%	18,5%	14,8%
Ens. Fundamental	13,0%	13,0%	13,0%
Ens. Médio Incompleto	33,3%	37,0%	35,2%
Ens. Médio	29,6%	18,5%	24,1%
Ens. Superior Incompleto	7,4%	11,0%	9,2%
Ens. Superior	5,6%	2,0%	3,8%
Total	100%	100%	100,0%

Fonte: Autoria própria

Analisando os dois grupos, em média 27,8% dos pais não possuem nem o ensino fundamental completo, ou seja, estudaram menos que seus filhos. Em relação aos que terminaram o ensino médio e possuem mais tempo de estudo que seus filhos temos a taxa média de 37,1%, e a taxa de pais que conseguiram terminar o nível superior é de 3,8%, deixando claro que esses dados são referentes a realidade de São Luis, e que provavelmente os mesmos indicadores a nível de Maranhão não apresentariam o mesmo desempenho.

6.1.4 Renda Familiar

Como critério de divisão das categorias foi utilizado o mesmo parâmetro da pesquisa GEM 2010, em 3 grupos: O primeiro das famílias que ganham até R\$ 2.000,00 , o segundo de R\$ 2.000,00 a R\$ 4.000,00, e os que ganham acima de R\$ 4.000,00. Para entendimento de renda familiar foi explicado em formulários que é a soma dos ganhos e rendimentos financeiros de todos os membros da família por mês.

Tabela 11 – Renda familiar

Renda Familiar			
	Escola Pública	Educação Empreendedora	Média
Menor que R\$2.000,00	58,5%	74,0%	66,3%
Entre R\$2.000,00 e R\$4.000,00	30,2%	20,4%	25,3%
Maior que R\$ 4.000,00	11,3%	5,6%	8,5%
Total	100%	100%	100,0%

Fonte: Autoria própria

O IBGE classifica as classes sócias de acordo com sua renda conforme a tabela abaixo:

Tabela 12 – Classes sociais por renda familiar.

CLASSE	SALÁRIOS MÍNIMOS (SM)	Renda Familiar (R\$)
A	Acima de 20 SM	R\$ 12.440 ou mais
B	10 a 20 SM	De R\$ 6.220 a R\$12.440
C	4 a 10 SM	De R\$ 2.488 a R\$ 6.220
D	2 a 4 SM	De R\$ 1.244 a R\$ 2.488
E	Até 2 SM	Até R\$ 1.244

Fonte: IBGE

De acordo com a tabela 11, a grande em média 66,3% das famílias pesquisadas recebe menos de R\$ 2.000,00 para sua manutenção, cruzando esses dados com os da tabela 12, podemos afirmar então que a maioria das famílias dos alunos de escola pública pertence a classe D, e um pouco mais de 30% pertencem a classe média (leia-se C).

Tabela 13 – Pessoas por domicílio

Nº de pessoas na mesma residência			
	Escola Pública	Educação Empreendedora	Média
Média	4,67	4,52	4,60

Fonte: Autoria própria

A pesquisa ainda perguntou quantas pessoas da família moram na casa do estudante, e o resultado pode ser visto na tabela 13, em média moram 4,6 pessoas por domicílio. Segundo a pesquisa Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, as famílias brasileiras tinham, em média, 3,1 pessoas, se cruzarmos esse alto número de pessoas por família ao resultado da renda familiar, observamos que 66,3% das famílias analisadas sobrevivem com menos de R\$ 2.000 para em média 4,6 pessoas, resultando em um coeficiente de menos de R\$ 435 per capita.

6.2 Empreendedorismo

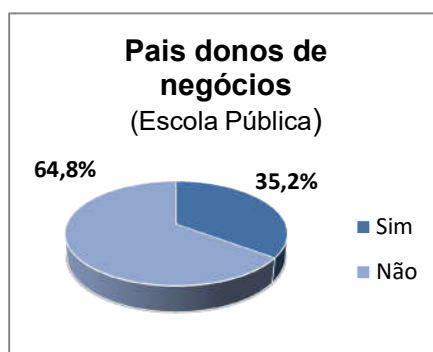
A segunda parte do questionário é referente a perguntas sobre empreendedorismo, foram perguntadas aos adolescentes se já pensaram em empreender alguma vez em suas vidas, se seus pais já empreenderam, e quais as reais intenções deles escolherem o empreendedorismo como profissão principal. A partir dessas respostas o trabalho pretende fazer um comparativo e verificar qual a influência na opinião desses jovens a respeito do empreendedorismo.

6.2.1 Pais empreendedores

No decorrer do trabalho foi possível ver detalhes sobre a vida e as barreiras que os jovens estudantes de escola pública sofrem para ter acesso ao empreendedorismo, e como analisado no item escolaridade dos pais, e destacando os altos índices de pais que não chegaram a terminar o ensino médio, é possível

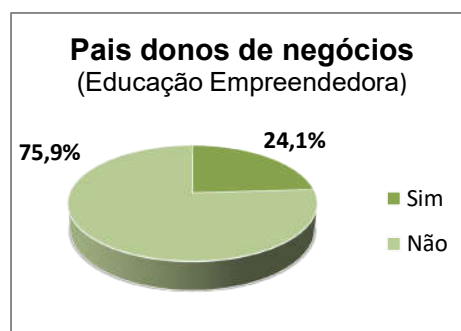
imaginar que esses pais passaram por dificuldades iguais ou maiores que as dos seus filhos para ter acesso ao que é empreender, e pensar em montar seus próprios negócios. A pergunta “Seus pais são ou já foram donos de alguma empresa?” estão inclusa na pesquisa e obvemos as seguintes respostas dos dois universos pesquisados:

Gráfico 1 – Percentual de pais de alunos de escola pública proprietários de alguma empresa



Fonte: Autoria própria

Gráfico 2 – Percentual de pais de alunos de escola pública com acesso a educação empreendedora proprietários de alguma empresa



Fonte: Autoria própria

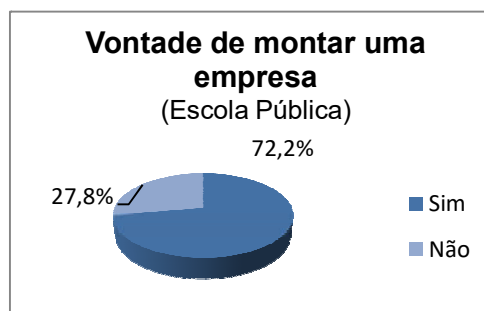
Como é possível ver nos resultados apresentados a maioria dos pais desses alunos nunca empreenderam, somente 35,2% dos pais de alunos de escola pública e 24,1% dos pais de alunos com acesso a educação empreendedora já possuíram alguma espécie de negócio. Então nossos jovens também não recebem incentivos

para empreender dentro de casa, sendo fora da realidade da maioria das famílias ser proprietários de algum tipo de empreendimento que possa dá retorno e mudar suas vidas.

6.2.2 Intenções empreendedoras

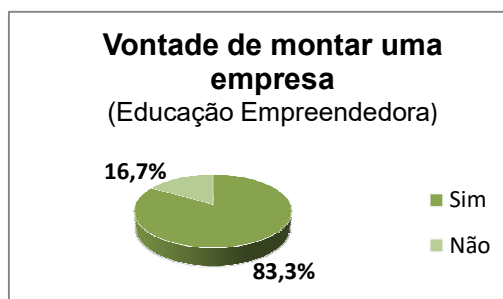
Foram perguntados aos estudantes se os mesmo já tem ou já tiveram intenções de montar algum negócio durante suas vidas, a intenção empreendedora revela uma mente criativa que procura captar oportunidades no problemas do dia a dia, mas a intenção empreendedora não significa necessariamente que o indivíduo é um empreendedor, pois uma das características do empreendedorismo é a visão, que pode ser definida como a capacidade de antever as oportunidades, mas de nada adianta se ela não for casada com a características atitude, que é a capacidade de transformar em realidade os sonhos do empreendedor.

Gráfico 3 – Intenção empreendedora - Alunos de escola pública



Fonte: Autoria própria

Gráfico 4 – Intenção empreendedora - Com acesso a educação empreendedora

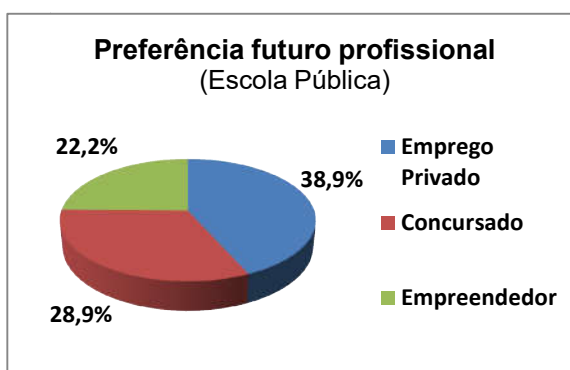


Fonte: Autoria própria

Esse resultado é muito relevante, pois é possível interpretar que apesar todas as barreiras que os estudantes de escolas públicas enfrentam, sua intenção empreendedora ainda apresenta um taxa alta de 72,2%, e melhora ainda mais quando o mesmo é submetido a educação empreendedora e passa a 83,3%.

A pesquisa ainda realizou uma última pergunta para medir a vontade que esses jovens têm em relação ao empreendedorismo: “Qual carreira você prefere para o seu futuro?”, como opções foram mostradas os três principais tipos de carreiras que um individuo pode escolher para sua vida, a primeira opção foi a de um bom emprego em companhia privada, caracterizado por ter mais oportunidades de emprego e ser mais acessível e de regular estabilidade; a segunda opção foi a de funcionário público, caracterizado como uma carreira de muita estabilidade, boa remuneração, mas muita dificuldade de acesso devido a necessidade de passar em concurso público; e por último a vida de empreendedor/empresário, caracterizado por remunerar muito bem, mas de alta instabilidade e muitos riscos.

Gráfico 5 – Preferência de carreira profissional – Escola Pública

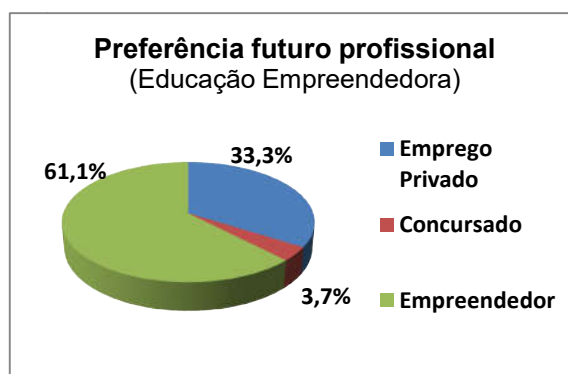


Fonte: Autoria própria

Os resultados para os alunos de escola pública de acordo com o gráfico 5, apresentaram os seguintes resultados: 38,9% escolheram emprego privado como preferência para o futuro profissional, em segundo lugar ficou a estável carreira de concursado público com 28,9%, e em último lugar 22,2% dos jovens escolheram o empreendedorismo com opção de carreira. É interessante observar que daqueles

72,2% que já pensaram em empreender menos de 1/3 materializou esse pensamento vontade de seguir essa vontade como carreira, o jovem estudante é criativo, visualiza oportunidades, mas não faz ideia de como coloca-las em prática.

Gráfico 6 – Preferência de carreira profissional – Alunos com acesso a Educação Empreendedora



Fonte: Autoria própria

O gráfico 6, representa a preferência da amostra de alunos de escola pública que tiveram acesso a educação empreendedora, e se levarmos em conta o acesso ao conteúdo do empreendedorismo foi o único fator de diferenciação das amostras, pode-se observar a grande diferença presente nos resultados. Seguindo a ordem do gráfico anterior a preferência por empregos privados caiu 5,6%, sendo apenas opção de 33,3% dos entrevistados; empregos do setor público também conhecido como funcionários concursados apresentaram irrelevantes 3,7% dessa amostra; e como era de se esperar a preferência por ter uma carreira empreendedora para os estudantes que tiveram acesso aos conceitos e vantagens do empreendedorismo foram esmagadores 61,1%. Essa maciça mudança de opinião por ser atrelada ao fator que assim como a população brasileira, o jovem estudante de escola pública também é empreendedor, só enfrenta barreiras e falta de acesso a esse conteúdo, diminuindo assim suas oportunidades se engajar no meio empresarial, situação que é passível de ser mudada com incentivos e educação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendedorismo é a habilidade de transformar sonhos em realidades, de materializar coisas que ninguém pensou e mudar o mundo ao seu redor, é uma mistura de visão com atitude. Atitude essa que falta na postura da população maranhense que vê seu Estado se desenvolvendo e cada vez mais pessoas vindo de fora ocupar as melhores vagas, atitude que falta na hora de mostrar seu talento nas empresas do comércio, na hora de atender um cliente e superar suas expectativas com um serviço extraordinário, falta atitude para em vez de reclamar captar a necessidade do problema, propor uma solução e ganhar muito dinheiro com isso.

Então a primeira vista a grande massa da nossa população não possui nenhuma capacidade empreendedora, por coincidência essa grande parcela se localiza na parte de baixo da pirâmide social, e a grande maioria desses trabalhadores são oriundos de escolas públicas. Mas como exigir um postura empreendedora de alguém que nunca teve acesso a esse conhecimento, e os próprios estudiosos do assunto defendem que ninguém nasce empreender e sim adquire esse comportamento.

A pesquisa mostra que os alunos de escola pública tem interesse sim no empreendedorismo e 72,2% deles tem intenções empreendedoras, mas quando perguntado quem tem interesse de escolher essa profissão para sua vida esse número cai para 22,2%, ou seja, a hipótese dois da nossa problemática é verdadeira. O aluno de escola pública é empreendedor, mas no decorrer da sua vida ele vai adormecendo esse lado para procurar meio de subsistência e de ajudar o cenário de pobreza no qual vive sua família.

Mas o lado interessante dessa hipótese é que se há um empreendedor adormecido é possível acordá-lo, e como visto e defendido pelos especialistas estudados a educação empreendedora é o caminho mais provável para mudar essa realidade, e como visto na pesquisa é possível transformar 22,2% de potenciais empreendedores em 61,1%. E como já tratado não somente empresários, mas intraempreendedores, autônomos, políticos e cidadãos empreendedores.

BIBLIOGRÁFIA

ANDREASSI, Tales et al. **Empreendedorismo no Brasil : 2011**. Curitiba: IBQP, 2011.

DOLABELA, Fernando, **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura. 1999.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia Empreendedora** Em 2004: <http://fernandodolabela.wordpress.com/servicos-oferecidos/pedagogia-empresendedora/>. Acesso em 20 de jun. de 2013

DOWBOR, Ladislau. publicado no site “**Carta Maior**” em Economia 02/03/2011., <http://www.cartamaior.com.br>, Acesso em 09 jun. de 2013

IBGE. Maranhão. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/estadosat/perfil.php>, acesso em 01 nov. 2011

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. 4ª Edição. Editora: Editora Atlas. 2005

GRECO, Silmara Maria de Souza Silveira et al. **Empreendedorismo no Brasil:2010**. Curitiba : IBQP, 2010.

Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/nota-da-escola/>, Acesso em 10 jul. de 2013.

KELLEY, D., AMOROS, J.E., BOSMA, N. **Global Entrepreneurship Monitor 2010 – Executive Report**. Washington: Global Entrepreneurship Research Association, 2011.

MACEDO, Mauricio, **Maranhão de Investimentos - Secretaria do Desenvolvimento, Indústria e Comércio – SEDINC, Encontro de Negócios no Território de Implantação da Refinaria Premium I** - Mauricio Macedo – 2011

MATTAR, F. **Pesquisa de marketing**. Ed. Atlas. 1996.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria geral da administração: da r evolução digital**. 6º Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

Revista Magazine: **O Maranhão e a Nova Década Oportunidades e Desafios.**
Produzida: SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DO GOVERNO DO MARANHÃO -
2012

SCHIFFMAN, L. & KANUK, L. **Comportamento do consumidor.** LTC Editora.
6ª ed. 2000.

VERGARA, Sylvia Constant – **Relatórios De Pesquisa Em Administração** – 8. Ed.
– São Paulo: Atlas, 2007.

ANEXO I

Perfil empreendedor dos alunos de escola pública de São Luis

Dados gerais

1ª Quantos ano você tem?

2ª Qual seu sexo? () Masculino ()Feminino

3ª Qual a escolaridade de seus pais? Marcar escolaridade mais alta

() Fundamental incompleto () Fundamental Completo

() Ens. Médio incompleto () Ens. Médio Completo

() Ens. superior incompleto () Ens. Superior Completo

4ª Quantas pessoas moram na sua casa?

5ª Qual sua renda familiar?(Total que todos membros da sua família recebem)

() Menos de R\$2.000 () Entre R\$2.000 e R\$ 4.000 () Mais de R\$4.000

Empreendedorismo

6ª Seus pais são ou já foram donos de alguma empresa?

() Sim () Não

7ª Você já pensou e tem/teve vontade de montar alguma empresa no futuro?

() Sim ()Não

8ª Qual carreira você prefere para o seu futuro?

() Bom emprego em companhia privada

() Concursado – Emprego Público

() Empreendedor – Dono do seu próprio negócio